LAMEGO
(Lamego)

Para chegar a Lamego, a partir do Porto e do norte, tome a autoestrada A4, que liga a cidade do Porto a Trás-os-Montes. Depois de passar o túnel do Marão continue por esta via. Encontrará a saída para Vila Real, que deve ignorar, e a seguir, na zona de Parada de Cunhos, tome a saída que liga à EN-2, a estrada que percorre o país de norte a sul, pelo eixo interior. Nesta estrada tome o sentido para sul, que desce pelo Douro vinhateiro até Penaguião. Apesar das curvas, o cenário vale a pena. Depois de passar o Douro continue pela EN-2 por escassos quilómetros até chegar a Lamego. Se preferir estradas mais cómodas, siga na A4 até ao entroncamento com a A24 e, tomando nesta moderna autoestrada o sentido para sul, percorra-a até à saída de Lamego. Se vier de sul, o melhor será optar pela A25, a autoestrada que liga o litoral à fronteira de Vilar Formoso. Nesta via, à saída 17, tome a autoestrada A24, no sentido norte, e siga até à saída de Lamego.

Implantada na margem esquerda do rio Douro, Lamego desempenhou um papel estruturante no território do curso médio deste rio. Os testemunhos de ocupação que remontam à Proto-História e ao período romano e se concentram sobretudo em torno da igreja de Santa Maria de Almacave (topónimo derivado de *almocavar*, palavra de origem muçulmana que



Perspetiva aérea do centro histórico de Lamego (Imgens ©2023 Google, Imagens ©2023 CNES / Airbus, IGP/DGRF, Maxar Technologies, Dados do mapa ©2023). 1- Castelo. 2- Igreja de Santa Maria de Almacave. 3- Sé

designa cemitério antigo), são importantes, compreendendo três epígrafes (a que se devem acrescentar outras cinco, nos muros do castelo). Mas em torno da cidade de Lamego multiplicam-se os testemunhos de uma ocupação romana importante. Aqui terá estado sediada a capital da *civitas* dos *Coilarni*, povo mencionado na inscrição de Alcântara. Lamego foi sede de bispado desde, pelo menos, o ano de 572 (quando o seu bispo, Sardinário, assistiu ao 2º Concílio de Braga), primeiro dependente de Braga, depois, a partir de 666, na dependência de Mérida. Foi sede de *ceca* monetária no período visigótico, com cunhagens documentadas ao longo da primeira metade do século VII (nos reinados de Viterico (603-610), Sisebuto (612-621), Suintila (621-631), Sisenando (631-636) e Chindasvinto (642-653)). Depois da invasão muçulmana permaneceu sob controle das forças islâmicas durante mais de 150 anos, até ao terceiro quartel do século IX. Na sequência das presúrias asturianas foi sede de *civitas*, designação agora dada às circunscrições territoriais nas quais a monarquia ovetense organizou o espaço na zona ocidental da Península Ibérica. Não sabemos quando esta *civitas* foi criada, certamente depois das presúrias de Porto (868) e Chaves (872). Lamego já surge mencionada nas Crónicas Asturianas, o que sugere que a sua presúria terá ocorrido antes de 881, data da redação das crónicas do "ciclo" de Afonso III. Em todo o caso, a fundação da *civitas* terá sido anterior a 906. A primeira referência documental explícita ao castelo de Lamego remonta a 952, quando é mencionado em doação de bens ao mosteiro de Lorvão. O testamento de D. Flamula (ou Châmoa) Rodrigues, de 960, com os seus dez castelos condais circunscritos ao espaço compreendido entre o Távora e o Côa, permite perceber que o domínio da *civitas* de Lamego ficava a ocidente do rio Távora, encontrando neste rio a sua fronteira. Esta primeira fase de domínio cristão ficou marcada por um certo dinamismo. Deve ter sido neste período que se (re)construiu a igreja de Santa Maria de Almacave, como sugere um silhar (inédito) com uma magnífica cruz pátea, de tipologia asturiana, reaproveitado junto da porta da sacristia do templo atual. Lamego manteve-se na esfera cristã durante a vigência do Condado de Coimbra (878-987), em cujo espaço e área de influência se incluía. O condado terminaria em 987, com a conquista de Coimbra por al-Mansur. A conquista de Lamego, também por al-Mansur, ocorreu dez anos depois, em 997, no âmbito da célebre campanha que o caudilho conduziu contra Santiago de Compostela. As fontes cronísticas muçulmanas são claras ao afirmar que, ao chegar a Lamego, o exército muçulmano encontrou resistência e teve de conquistar a cidade pela força das armas. Uma situação bem distinta da que encontrara em Viseu, que, no âmbito de um acordo estabelecido com os condes, contribuíra com efetivos para engrossar os exércitos muçulmanos. Depois de 997, Lamego manteve-se durante sessenta anos sob alçada muçulmana, tendo sido reconquistada definitivamente por Fernando Magno, no dia 29 (ou 27) de novembro de 1057, ao cabo de uma operação de cerco que implicou o uso de engenhos (cujo emprego se documenta aqui pela primeira vez em Portugal). Sete anos mais tarde, depois da conquista definitiva de Coimbra (1064), voltou a integrar-se no espaço dependente da cidade do Mondego, agora confiado por Fernando Magno ao alvazil Sesnando Davides. Pouco depois começamos a ter as referências às *terras*, as novas circunscrições territoriais em que o espaço cristão se organizou. A primeira referência à *terra* de Lamego remonta a 1069. Este modelo de organização e administração territorial prolongar-se-ia por mais de duas centúrias, até ser extinto no reinado de D. Dinis (1287).

A cidade de Lamego desenvolveu-se em torno de dois núcleos: no alto do morro, a zona militar, polarizada em torno do castelo (genericamente designada, na documentação medieval, como Castelo de Lamego); e, na parte baixa, a área eclesiástica, polarizada em torno da sé (designada na documentação como Couto da Sé). As obras românicas deste templo decorriam em 1179, quando D. Afonso Henriques assinou o seu testamento, deixando 500 morabitinos para a fábrica da sé. Em 21 de [setembro-novembro] de 1191, D. Sancho I assinou a carta a favor da sé de Lamego, instituindo o couto na zona inferior da cidade. As tensões entre os dois núcleos urbanos fizeram-se sentir ao longo da Idade Média, conhecendo-se várias queixas do Couto da Sé sobre a concorrência da zona do Castelo de Lamego, nomeadamente na atração

da atividade comercial. Sublinhe-se que a póvoa do Castelo de Lamego não tinha *foral escrito*, como se esclarece nas Inquirições de 1258. Em 10 de julho de 1292, D. Dinis instituiu feira anual no castelo de Lamego, com a duração de um mês. Conhecem-se diversas referências a obras nas estruturas defensivas de Lamego: em 1258, quando os inquiridores de Afonso III percorreram a zona, decorriam trabalhos no castelo e nas muralhas da cidade; e as obras voltam a documentar-se nos anos de 1367, 1386, 1394 e 1439. Por fim, assinale-se que a cidade recebeu Foral Novo das mãos de D. Manuel I a 3 de junho de 1514.

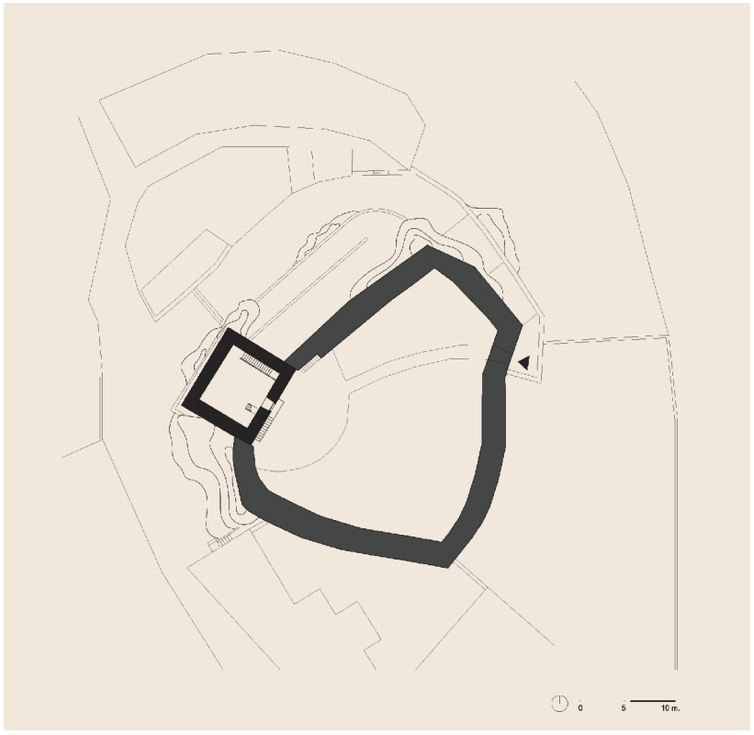
Castelo de Lamego

Como referimos, a designação medieval de "Castelo de Lamego" abarcava toda a zona superior da cidade, polarizada em torno da estrutura militar e confinada pela linha de muralha. O castelo encontra-se documentado desde os meados do século X (mais precisamente, desde o ano de 952) e deve ter sido afetado pelo cerco de Fernando Magno, que culminou na conquista da cidade no dia de São Saturnino (29 de novembro) de 1057. Estas circunstâncias devem ter ditado a realização de trabalhos de reconstrução, que talvez correspondam aos vestígios mais antigos da muralha do castelo. Com efeito, é possível individualizar alguns troços de muralha com características pré-românicas, com aparelho não-isódomo, integrando silhares com cotovelos e pedras em posicionamento secundário. Esses testemunhos localizam-se no exterior do castelo, não longe da torre de menagem, em zona onde se pode ver o afloramento rochoso e onde se reaproveitou a inscrição funerária romana de (… C)ATVRONIS (em posição invertida). Mas essa fase mais antiga também se deteta no interior do castelo, nas primeiras fiadas da sua muralha. No lado oriental, Ricardo Teixeira identificou entalhes nos afloramentos que indiciam um traçado da muralha ligeiramente distinto do atual.

O castelo de Lamego é uma pequena estrutura implantada no ponto mais alto da cidade, a uma cota absoluta de 545 m. A sua muralha descreve um perímetro poligonal irregular, sem qualquer torreão e dotado de uma única porta de entrada, rasgada a leste. Neste sentido, ele obedece ao modelo clássico do "castelo românico". A porta de ingresso apresenta arco quebrado, com chanfro, e é sobrepujada por escudo de armas, hoje bastante delido, talvez com as armas de D. Francisco Coutinho, conde de Marialva, responsável por obras no castelo. À sua volta, documentando a intervenção tardia a que corresponde a tipologia da porta, encontramos diversos silhares siglados. A principal melhoria que o castelo sofreu foi a construção, no século XIII, da torre de menagem, uma estrutura de planta quadrangular, de três pisos, com entrada elevada. Nos



Castelo. Vista geral



Planta do castelo de Lamego



Castelo. Torre de Menagem (face externa)

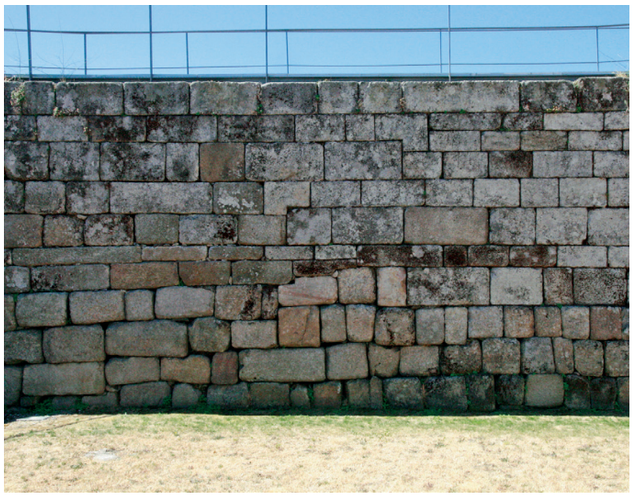
Castelo. Vista geral



finais do século XV, o já referido D. Francisco Coutinho mandou rasgar nela uma "muito formosa janela de assento", com conversadeiras, que não escapou à descrição de Rui Fernandes (de [1531-1532]). Em época moderna, por baixo da porta de entrada medieval abriu-se uma porta térrea, com padieira reta, para acesso direto ao piso inferior da torre. O pátio do castelo, de reduzidas dimensões, não devia albergar um grande número de estruturas, embora se notem entalhes para fixação de pisos em madeira. Desde o século XVI, albergava a prisão. Com efeito, já em [1531-1532], quando redige a sua *Descrição do terreno em redor de Lamego duas léguas*, o mercador portuense Rui Fernandes referia que "dentro do dito castelo estão os presos". Conhece-se, de resto, o contrato para a execução das suas grades, em 1696, e a presença do edifício ainda é referido nas Memórias Paroquiais de 1758. Erguia-se adossado à torre de menagem, aproveitando o seu piso térreo, e foi demolido pela DGEMN entre 1955 e 1956.

Em redor do castelo foi-se desenvolvendo o primeiro núcleo da povoação medieval, com ruas que envolvem o morro da fortificação. A construção da muralha urbana, descrevendo um perímetro ovalado, ditou que o urbanismo concêntrico, que se deteta em torno do velho castelo, cedesse lugar a um novo traçado urbano, agora estruturado em torno de dois grandes eixos viários que, sensivelmente paralelos, ligam as duas portas da fortificação: a norte, a Porta da Vila (dos Figos, dos Fogos, de Aguião ou do Norte), que dava acesso ao importante arrabalde de Almacave; e, a sul, a Porta do Sol, que permitia descer para o burgo episcopal. A Porta da Vila apresenta-se enquadrada por dois torreões de planta quadrada e tem, na face interna, um grande oratório em madeira, do século XVIII. A Porta do Sol não apresenta torreões. Na face interna, uma janela com arco de volta perfeita é acompanhada por uma inscrição que data a obra. Na ombreira esquerda lê-se: ANT(oni)O DE CRAS / TO SOARES / MA(n)DOV FAZ / ER ESTE ARCO. No lado oposto completa-se: ANNO DE / 1642. A muralha urbana de Lamego apresenta uma única torre, de dimensões generosas – a Torre dos Figos, a oriente da porta que leva o mesmo nome –. O dinamismo do burgo superior levou à construção de uma grande cisterna, gótica, com abóbada quebrada, quatro arcos torais e aparelho siglado. Foi construída na rua da Cisterna, a mais ocidental das duas vias longitudinais, e encontra-se hoje musealizada.

O castelo de Lamego foi objeto de intervenções da DGEMN, sobretudo concentradas nos anos de 1940-41 e 1955-56. Recentemente o Bairro do Castelo foi objeto de intervenção arqueológica, pela empresa Arqueologia & Património, tendo sido criado um Núcleo Arqueológico visitável, junto da Porta dos Figos, que, para além



Castelo. Muralha voltada ao pátio, evidenciando fase de construção mais antiga



Castelo. Porta de entrada



Castelo. Vista do Pátio e da Torre de Menagem



Castelo. Vista exterior da muralha e Torre de Menagem

de estruturas romanas, integra um cemitério dos séculos IX-XII e a própria muralha urbana. No interior do castelo, os trabalhos dirigidos por Ricardo Teixeira e José Sendas permitiram identificar uma vasta necrópole, integrando também várias sepulturas escavadas na rocha, que aqueles arqueólogos associam ao desaparecido templo de São Salvador.

Texto: MJB - Fotos: MJB/JNG/MF/MS
Plano: GM/MF/MS (sobre SIPA-DGPC/CMLam)

Bibliografia

ALMEIDA, J., 1945, I, pp. 524-530; BARROCA, M.J., 1990-91, pp. 102-103; BARROCA, M.J., 2004, p. 188; BARROCA, M.J., 2016, pp. 40-41; BARROCA, M.J., 2019, p. 339; CHANC. D. DINIS, II, doc. n.º 133 (de 1292, julho, 10); DIAS, L.F.C., 1961-69, II, pp. 179-183 (de 1514, junho, 3); DMP, DR, doc. n.º 334 (de 1179, fevereiro); DS, doc. n.º 56 (de 1191, [setembro-novembro], 21); FERNANDES, R., 2012, pp. 63 e 103; GIL, J., 1986, pp. 46-47; LIMA, A.M.C. e TEIXEIRA, R., 2010, pp. 140 e 151; MARTINS, M.G., 2016, pp. 146-147; MEM. PAROQ. 1758 (2010), pp. 278-279; MONTEIRO, J.G., 1999, pp. 126 (de 1367, agosto, 20), 135 (de 1386, agosto, 31 e de 1394, dezembro, 31) e 140-141 (de 1439); PERES, D., 1969, pp. 78-84; PMH, DC, doc. n.º 65 (de 952) e doc. n.º 484 (de 1069); PMH, INQ., pp. 1026-1033, 1070 e 1195 (de 1258); PMH, SCRIPT., pp. 2, 4, 9, 18 e 19; RAU, V., 1943 (1982), pp. 102-106; SIPA; TEIXEIRA, R., 1998, n.º 3a, 3b e 3c; TEIXEIRA, R., 2001, pp. 471-472; TEIXEIRA, R., 2008; VAZ, J.L.I., 1983; VAZ, J.L.I., 2007.